

### Os múltiplos domínios da Tradução

#### 1. O campo dos *Translation Studies*

Dentre as intensas transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas em vários países na década de 1970, deve ser incluído o surgimento de uma nova disciplina do conhecimento, chamada, em inglês, de *Translation Studies* (TS). Embora tenha sido intensamente praticada desde que há trocas linguísticas e, em sentido mais amplo, trocas culturais entre diferentes comunidades, a tradução só se tornou o objeto privilegiado de um campo de estudos específico dotado de certa autonomia há aproximadamente meio século.<sup>1</sup>

Nos países de língua inglesa, a conferência de James Holmes – *The Name and Nature of Translated Studies* (1980), apresentada no III Congresso de Linguística Aplicada, ocorrido em 1972, em Copenhague (Dinamarca) – é considerada atualmente como a responsável pelo “batismo” da nova disciplina. Seguindo os passos de Holmes, André Lefevere circunscreveu, no apêndice à coletânea de artigos do colóquio *Literature and Translation*, ocorrido em 1976, em Lovaina (Bélgica), o escopo dessa emergente disciplina aos “problemas levantados pela produção e pela descrição de traduções” (LEFEVERE, 1978, p. 14, tradução nossa).<sup>2</sup>

*Grosso modo*, o surgimento dos TS como disciplina autônoma é o resultado de um amplo processo que eclode em diferentes países, durante a década de 1970, como demonstrou Edwin Gentzler (2014). Esse processo se dá mais ou menos ao mesmo tempo em países cujas perspectivas teórico-metodológicas são completamente diferentes entre si. Por exemplo, nos Estados Unidos, os TS são indissociáveis dos outros eixos transdisciplinares surgidos no mesmo período, como os *Gender Studies*, os *Post-colonial Studies* e os *Cultural Studies*; na França, a teoria e a prática tradutória são consideradas como irredutivelmente históricas por autores como Henri Meschonnic (1972) e Antoine Berman (2002); na Alemanha, a disciplina, chamada de Ciência da Tradução (*Übersetzungswissenschaft/Translationswissenschaft*), está fortemente

---

<sup>1</sup> Essa periodização não é consensual, mas objeto de intensos debates, sobretudo quando consideramos a periodização estabelecida no interior de cada país.

<sup>2</sup> “The problems raised by the production and description of translations.”

ligada às diferentes escolas linguísticas; na Bélgica e na Holanda, os TS emergem da Literatura Comparada e da História da Literatura; na Europa do Leste, as contribuições para a disciplina vão do Formalismo Russo ao Estruturalismo Funcional tcheco; e, em Israel, Itamar Even-Zohar e Gideon Toury desenvolvem a teoria dos polissistemas.

Depois de terem recebido um nome e um programa teórico, os TS se desenvolvem com tamanha rapidez que, no prefácio a *Translation/History/Culture*, Susan Bassnett e André Lefevere (1992, p. ix, tradução nossa) afirmam: “O crescimento dos Estudos da Tradução como disciplina autônoma é uma história de sucesso dos anos 1980. A matéria se desenvolveu em vários países do mundo e está claramente destinada a continuar a se desenvolver intensamente no século XXI”.<sup>3</sup> Essa predição não foi frustrada, pois, depois de passarem por uma década de forte expansão, os TS se consolidaram na década de 1990, como afirma Snell-Hornby (2006). Não pretendemos apontar todos os fatores que possibilitaram a essa disciplina se tornar, em apenas duas décadas, um campo do conhecimento plenamente estabelecido do ponto de vista institucional, acadêmico e editorial, mas gostaríamos de salientar um fator que parece ter sido determinante para isso.

Durante as décadas de 1980 e de 1990, pudemos observar uma ampla revolução tecnológica acompanhada de profundo impacto cultural, com a popularização dos computadores pessoais e do acesso à internet e multiplicação de meios de comunicação. Entre outros efeitos, essa revolução destituiu completamente a escrita do lugar que, durante milênios, ocupara como suporte privilegiado de transmissão do conhecimento. Nesse contexto, surgiram novas modalidades de tradução, como a localização, a tradução de *games*, a tradução de textos multimodais ligados aos novos suportes digitais e à internet, as formas de tradução relacionadas à acessibilidade, entre outras. Tão logo surgiram, essas novas modalidades tradutórias foram imediatamente absorvidas pela igualmente nova disciplina dos TS.

Além disso, diversas modalidades tradutórias já existentes se desenvolveram intensamente no interior desse processo, como, por exemplo, a tradução audiovisual e a interpretação, que passou a incluir a interpretação comunitária, jurídica, médica e religiosa. Por outro lado, os TS não deixaram de incorporar ao seu campo de investigação todas aquelas modalidades de tradução anteriormente existentes, em particular, os diversos gêneros de tradução de textos escritos que, pertencentes aos mais diversos contextos culturais e períodos

---

<sup>3</sup> “The growth of Translation Studies as a separate discipline is a success story of the 1980s. The subject has developed in many parts of the world and is clearly destined to continue developing well into the 21st century.”

históricos de produção, transmissão e recepção, podem ser classificados como literários, religiosos, filosóficos ou científicos, por exemplo. Com efeito, a tradução de textos escritos ocupara um lugar central na cultura ocidental desde, pelo menos, o século III a.C., quando o *Velho Testamento* hebraico foi traduzido para o grego pelos setenta sábios, dando origem à tradução das Sagradas Escrituras conhecida como *Septuaginta*.

O surgimento e consolidação dos TS como disciplina autônoma permitiu incluir, portanto, desde o início, múltiplos domínios de investigação. A nova disciplina absorveu, por um lado, todas as novas modalidades de tradução surgidas a partir da revolução tecnológica iniciada nas últimas décadas do segundo milênio e, por outro, todas as antigas modalidades ligadas a culturas em que a escrita ocupara uma posição central como suporte privilegiado de transmissão do conhecimento. Essa multiplicidade constitutiva fez com que, antes mesmo de conseguir criar uma identidade própria, a disciplina incorporasse um grande número de objetos, métodos e abordagens. Isso explica, em grande medida, a insatisfação, apontada por Snell-Hornby (2006), de pesquisadores como André Lefevere e Hans Josef Vermeer que, em textos publicados durante a década de 1990, manifestaram inquietação pela dificuldade dos pesquisadores para se manterem atualizados sobre tudo o que era publicado na área.

Nesse contexto, Lefevere considera que os TS deveriam apresentar um discurso mais unificado, que permitisse centralizar o que os pesquisadores consideram mais relevante. Essa inquietação parece ser reveladora, precisamente, da multiplicidade constitutiva da área, a qual, aliás, só aumenta com o tempo, à medida em que novas modalidades tradutórias surgem, em decorrência do aprofundamento daquela revolução tecnológica, e as modalidades já existentes recebem novos enfoques. Por todos esses motivos, preferimos abandonar a noção de disciplina para definir os TS, visto que não nos parecem partilhar nem da unidade epistemológica nem dos pressupostos ontológicos das disciplinas científicas consolidadas no século XIX. Concordamos, nesse ponto, com Gentzler (2014), que descreve a evolução dessa área como um movimento que vai da pré-disciplina à disciplina, passando à interdisciplina para chegar, atualmente, a um estágio de pós-disciplina.

Embora ainda não disponhamos de uma expressão mais precisa para designá-los, os TS poderiam ser considerados como um campo transdisciplinar de estudos que, agrupados em torno da polissêmica palavra tradução, é capaz de abarcar as mais diferentes práticas semióticas das sociedades atuais. Por isso, partilhamos do diagnóstico dos pesquisadores da área que denominam o período atual como a “Era da tradução” (BERMAN, 2008; CRONIN, 2013).

Assim entendida, a Tradução seria menos uma disciplina do conhecimento do que um paradigma necessário à compreensão das diferentes modalidades (antigas e recentes) de produção e reprodução cultural atualmente existentes.

## 2. Os Estudos da Tradução no Brasil

As mesmas transformações sociais, econômicas e políticas que permitiram a emergência dos TS como campo de estudos autônomo durante a década de 1970 não tardaram a serem observadas nos, assim chamados, “países periféricos”. O embrião dos TS encontrou um terreno particularmente fecundo nesses países que, em constante interação com a metrópole desde os primeiros contatos coloniais, entretiveram, com os seus colonizadores, uma longa história de intercâmbios linguísticos, culturais e identitários. Tendo em vista o papel central desempenhado pela tradução em sua história e cultura desde o período colonial, as pesquisas desenvolvidas sobre (e por) países como a Índia, a China, o Brasil, a Turquia, por exemplo, oferecem uma contribuição significativa para a compreensão das complexas relações de poder necessariamente envolvidas em todo fenômeno tradutório.

No Brasil, em particular, o nome dado ao novo campo de estudos é, ele mesmo, uma tradução do nome em inglês para o português: Estudos da Tradução. Esse campo possui uma história tão recente quanto profícua, quando consideramos o enorme percurso que trilhou em apenas duas gerações.

Os primeiros indícios desse campo de estudos no Brasil também remontam à década de 1970. A Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (ABRATES) foi fundada em 1970 por aquele que, atualmente, é considerado um dos patronos dos Estudos da Tradução no Brasil. Além de tradutor incansável de (e para) várias línguas, como o húngaro, o francês, o português e o latim, Paulo Rónai é o autor de um dos livros pioneiros para a área no Brasil: *Escola de Tradutores* (1952).

O percurso dos Estudos da Tradução no Brasil também pode ser avaliado com base na emergência de cursos universitários de graduação e pós-graduação, nas publicações científicas sobre tradução e na história dos Encontros Nacionais de Tradutores. Na virada da década de 1970, foi criado o Curso de Tradução da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e, em 1973, o Curso de Tradutor-Intérprete do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nos últimos anos, foram criadas as graduações específicas em Tradução na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e na Universidade

Federal da Paraíba (UFPB) e as diversas habilitações em Tradução de Cursos de Letras (GUERINI et al, 2013). Também devemos mencionar a criação, a partir do novo milênio, de programas de pós-graduação em Tradução, como os oferecidos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pela Universidade Nacional de Brasília (UnB) e pela Universidade de São Paulo (USP).

Desde o surgimento dos Estudos da Tradução como campo de estudos autônomo no Brasil, as suas áreas (subáreas ou eixos temáticos) não deixaram de se desenvolver. Isso pode ser observado nas diversas revistas especializadas que foram criadas sobre o tema, como, por exemplo, a *Tradução & Comunicação* (1981), a *TradTerm* (1994), os *Cadernos de Tradução* (1996), os *Cadernos de Literatura em Tradução* (1997) e a *Tradução em Revista* (2004)<sup>4</sup>.

O primeiro Encontro Nacional de Tradutores (ENTRAD) foi realizado em 1975, em uma parceria entre a ABRATES e o Curso de Tradução da PUC-Rio. A partir da sétima edição, realizada em 1988, na USP, o ENTRAD também passou a ser um encontro internacional.<sup>5</sup> A criação do grupo temático Estudos da Tradução no âmbito da ANPOLL levou à criação, em 1992, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), que assumiria a organização do ENTRAD. Em 2016, foi realizado, na UFU, o XII Encontro Nacional de Tradutores e VI Encontro Internacional de Tradutores.

Edição comemorativa dos 25 anos da criação da ABRAPT e dos 42 anos da primeira edição do ENTRAD no Brasil, este número retoma o tema do último ENTRAD – Tradição e Inovação. Ele inclui artigos dedicados não apenas à análise das diferentes práticas, modalidades e gêneros tradutórios existentes no Brasil e no exterior, como também à reflexão sobre suas diferentes tendências contemporâneas, com vistas a fomentar desenvolvimentos futuros para a área. O primeiro artigo deste número aborda a interpretação, e os 22 artigos subsequentes tratam, respectivamente, da historiografia da tradução, da tradução literária, de estudos linguísticos e discursivos sobre tradução, da formação de tradutores, da tradução automática e das modalidades de tradução ligadas à acessibilidade.

### 3. Apresentação dos artigos

No primeiro artigo que integra este número, Daniel Gile examina os desdobramentos da interpretação, em geral, e da interpretação de conferências, em particular, nas duas últimas

---

<sup>4</sup> Atualmente, essas publicações são gratuitas e estão disponíveis *online* em seus respectivos *sites*.

<sup>5</sup> Para uma reconstituição da história do ENTRAD, ver, neste volume, o artigo de SILVA; ESQUEDA; CAMPOS.

décadas. **Traditions and innovation in Interpreting Studies – A personal analysis for 2016** examina as linhas de continuidade e de ruptura no mundo da interpretação, apontando diversos fatores responsáveis por sua evolução nas últimas duas décadas como, por exemplo, as mudanças geopolíticas e o desenvolvimento das tecnologias digitais.

Os três artigos seguintes abordam a historiografia da tradução de perspectivas variadas, contribuindo para um mapeamento dos Estudos da Tradução no Brasil.

Em **A tradução e o tradutor no Brasil: lições de visibilidade**, Cristina Carneiro Rodrigues seleciona os acontecimentos mais significativos tanto para a área dos Estudos da Tradução quanto para a profissão do tradutor no país. Partindo da década de 1930, quando o assim chamado *boom* editorial brasileiro permitiu alavancar a profissão, a autora destaca a consolidação da pesquisa em Tradução no início do novo milênio, quando foram criados os primeiros cursos de pós-graduação da área.

Igualmente focado na história dos Estudos da Tradução no Brasil, o artigo **Os Estudos da Tradução no Brasil: a ABRAPT e o Encontro Nacional de Tradutores**, de Ana Julita Oliveira da Silva, Marileide Dias Esqueda e Tânia Liparini Campos, reconstitui a história das doze edições do Encontro Nacional e Internacional de Tradutores (ENTRAD) de 1975 até 2016. Com base em um levantamento bibliográfico e documental e em informações obtidas por meio de entrevistas com alguns de seus mais atuantes atores, as autoras evidenciam a importância do ENTRAD para o desenvolvimento dos Estudos da Tradução no Brasil.

Em **História visual da Tradução: a iconografia do século XIX no Brasil**, Dennys Silva-Reis aborda a iconografia que oferece vestígios sobre a prática tradutória no Brasil oitocentista. De uma perspectiva historiográfica centrada não na linguagem (oral ou escrita), mas no que denomina como história visual da tradução – aquela presente em imagens ou artefatos visuais os mais variados –, ele analisa os discursos sobre tradução veiculados em litografias de Johann Moritz Rugendas e em telas a óleo de Benedito Calixto.

Seção particularmente variada deste número é dedicada às diferentes relações entre literatura e tradução no Brasil, na América Latina, na Europa e nos EUA. Escritos por pesquisadores e tradutores, os seis artigos dessa seção abordam a tradução literária em diferentes línguas, como o inglês, o francês, o turco, o japonês e o espanhol. São contemplados autores estrangeiros pertencentes a múltiplas tradições literárias, como James Joyce, Paul Valéry, Stéphane Mallarmé, Emine Sevgi Özdamar, Yoko Tawada e José María Arguedas.

A versão de prosa brasileira em língua inglesa é contemplada pelo artigo **Guirlandas, antologias, florilégios: o direito autoral como princípio organizador de antologias de prosa brasileira em inglês**, de Lenita Maria Rimoli Esteves que, com base em um estudo sobre o direito autoral de tradutores, procura elucidar o princípio organizador de antologias de traduções em inglês de prosa brasileira. Nas treze antologias publicadas durante quase um século – desde a primeira, realizada por Goldberg em 1921, até a *Machado de Assis Magazine* em 2012 –, as diferentes concepções de direito de autor e tradutor revelam o reconhecimento recente do papel deste como antologista.

O artigo **Traduzir o *Finnegans Wake*, paradoxos e liberdades**, de Caetano Waldrigues Galindo, parte da sua atual experiência como o tradutor de *Finnegans Wake*, de James Joyce. Ao mesmo tempo em que tece uma reflexão sobre a indissociabilidade entre poesia e prosa na derradeira obra-prima do escritor irlandês, procura elucidar as consequências da natureza radical desse projeto literário para sua própria prática tradutória.

O fio condutor do artigo **Traduzir os *Charmes*, de Paul Valéry**, de Álvaro Faleiros e Roberto Zular, são as diferentes possibilidades de tradução do título do principal livro de poemas do autor francês – *Charmes* (1922) –, que ainda não dispõe de tradução integral no Brasil. Os diferentes sentidos de que a palavra-título se reveste ao longo do livro permitem apresentar traduções próprias de alguns dos principais poemas dessa obra fundamental de Paul Valéry. Sem deixar de dialogar com traduções alheias, essas traduções são desdobramentos a partir da própria (in)traduzibilidade da palavra poética.

Outro artigo dedicado à poesia francesa é **Mallarmé: tradutor e poeta, poeta e tradutor**, de Sandra Mara Stroparo, que parte das três traduções sucessivamente realizadas pelo poeta francês do célebre poema de Edgar Allan Poe, *The Raven* (1845), para refletir sobre o programa poético delimitado pelo jovem Mallarmé. Essas traduções revelam a influência não apenas do escritor americano, mas, sobretudo, do poeta francês Charles Baudelaire, cuja tradução do mesmo poema é significativa para a compreensão do horizonte inaugural do programa poético de Mallarmé.

Em **A “dança das línguas”: tradução e autoficção em contextos migratórios**, Rosvitha Friesen Blume aborda um dos temas centrais na literatura contemporânea – a migração –, cujos múltiplos deslocamentos geolinguísticos e culturais partilham da mesma natureza da tradução, entendida em sentido amplo. As narrativas autoficcionais da escritora turca Emine Sevgi Özdamar e da escritora japonesa Yoko Tawada, ambas radicadas na Alemanha,

são interpretadas a partir do esforço ético-político das autoras-tradutoras em estabelecer mediações entre línguas, culturas e identidades completamente díspares entre si.

O artigo **Tradução cultural e a obra de José María Arguedas**, de Roseli Barros Cunha, explora o conceito de tradução cultural para compreender as complexas relações entre oralidade e escrita estabelecidas em narrativas peruanas desde o início da colonização europeia. A releitura por José María Arguedas, em seu romance *Los ríos profundos*, do episódio de Cajamarca (1532), narrado pelo cronista indígena Guamán Poma de Ayala, permite compreender o diálogo entre espanhóis, indígenas e mestiços na América espanhola.

Três artigos deste número situam-se na interface entre os Estudos da Tradução e os estudos linguísticos e discursivos.

O artigo **A função interpessoal e o posicionamento dialógico de tradutores em traduções de *picture books***, de Célia Magalhães, Andrea A. Leitão e Daniela S. A. Fernandes, realiza um estudo sobre o posicionamento dialógico dos tradutores, a partir da investigação dos recursos de avaliatividade e de apresentação da fala de personagens no gênero *textual picture books*, com foco no conceito de “desvios” (*shifts*) de tradução. A análise textual e contrastiva realizada pelas autoras exemplifica shifts na apresentação do discurso, na avaliatividade, na polaridade, na realização e no engajamento de estruturas narrativas que impactam na retextualização do texto traduzido.

No artigo **A equivalência tradutória de argentinismos: um estudo contrastivo léxico-fraseológico em *corpus* jornalístico de matérias políticas**, Ariel Novodvorski apresenta uma pesquisa com foco na Fraseologia Contrastiva, no par linguístico português-espanhol. Ampliando os estudos lexicológicos com base na Linguística de Corpus, o autor usa *corpora* paralelos e comparáveis de textos jornalísticos para investigar unidades léxico-fraseológicas com marcas de argentinismos em discursos políticos.

O artigo **Tradução e mercado: uma análise discursiva**, de Giovana Cordeiro Campos de Mello, utiliza a Análise do Discurso francesa, mais especificamente, pressupostos teóricos de Michel Pêcheux, para analisar o discurso de empresas de tradução no espaço mercadológico *online*, abordando os significados que subjazem à visão da tradução como mercadoria e ocupação profissional. A autora analisa discursos sobre a tradução especializada e sobre questões mercadológicas da profissão. Sua análise aponta para a existência, nos *sites* das empresas, de um discurso empresarial e tecnológico que reforça o conceito tradicional de tradução.

A Formação de Tradutores, contemplada em sete artigos, tem recebido cada vez mais a atenção dos pesquisadores, tendo em vista, inclusive, a necessidade de pesquisas que possam sustentar e desenvolver os vários âmbitos em que se dá, atualmente, o ensino de Tradução no Brasil.

Em **Tradução Oral à Prima Vista na formação do intérprete: considerações pedagógicas**, Glória Regina Loreto Sampaio trata da formação do intérprete, discutindo questões pedagógicas que impactam no desempenho profissional dos intérpretes, a partir do estudo da Tradução Oral à Prima Vista (TrPV), uma modalidade híbrida e simultânea pouco investigada nos Estudos da Tradução no Brasil. A TrPV pode funcionar como um exercício importante na prática de outras modalidades de interpretação e merece, portanto, a atenção de pesquisadores e profissionais da área. A autora propõe uma metodologia em três etapas para o desenvolvimento e a consolidação da competência em TrPV.

O artigo **Tradução juramentada, segurança jurídica e formação do tradutor público**, de Márcia Atalla Pietrolungo e Teresa Dias Carneiro, discute as leis governamentais que regem a profissão do tradutor juramentado ou tradutor público e intérprete comercial (TPIC), sob uma perspectiva histórica e formativa. As autoras discutem o Projeto de Lei nº 4.625/2016, que tem implicações importantes para a profissão, e a questão da *fé pública* para a segurança nacional. Destacando a falta de um curso de pós-graduação específico de tradução jurídica/juramentada no Brasil, as autoras apresentam uma proposta de currículo para este tipo de curso, a partir do estudo de modelos europeus.

Em **Tradução e Terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor**, Cleci Regina Bevilacqua e Cristiane Krause Kilian investigam as relações entre Tradução e Terminologia da perspectiva do desenvolvimento da competência tradutória. Partindo do fato de que o tradutor precisa saber encontrar soluções tradutórias para os problemas terminológicos, as autoras tratam da importância de conhecimentos práticos e teóricos nesse campo. A partir de uma revisão de conceitos como o de competência tradutória, elas abordam os problemas terminológicos mais comuns no processo tradutório, apresentando exemplos do par linguístico português-alemão.

No artigo **Competência tradutória: o desenvolvimento da subcompetência sobre conhecimentos em tradução**, Tânia Liparini Campos e Luciane Leipnitz também abordam a competência tradutória, mas de um viés processual. As autoras realizam um estudo longitudinal, destacando resultados referentes à subcompetência sobre conhecimentos em tradução. A

ferramenta de avaliação *Translation Quality Assessment Tool* e os critérios de avaliação do Grupo PACTE embasam a análise do progresso no desenvolvimento dessa subcompetência nos sujeitos da pesquisa. A pesquisa apresenta importantes contribuições sobre o desenvolvimento da competência tradutória no contexto da formação de tradutores.

No artigo **A expertise por interação como condicionante da competência do tradutor de textos técnicos e científicos**, Igor Antônio Lourenço da Silva e Francine de Assis Silveira destacam a importância da *expertise* por interação na formação de tradutores, no contexto da tradução para a língua inglesa de textos técnicos e científicos. Essa interação refere-se ao diálogo entre tradutor e especialista, considerado, pelos autores, como um recurso necessário para munir o tradutor de conhecimento especializado e discursivo sobre áreas determinadas.

Em **Tecnologias e formação de tradutores**, Érika Nogueira de Andrade Stupiello e Marileide Dias Esqueda discutem questões relacionadas às novas tecnologias da tradução, que constituem um elemento necessário na formação de tradutores. As autoras enfocam a integração de memórias de tradução a programas de tradução automática, não se restringindo ao aspecto técnico, mas debatendo a necessidade de uma análise das tecnologias, na medida em que consideram o tradutor como um negociador de sentidos.

Também relacionada às novas tecnologias, Helena de Medeiros Caseli, em **Tradução Automática: estratégias e limitações**, discute três estratégias da Tradução Automática (TA) como subárea de aplicação do Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN), apresentando suas características e limitações. A autora explica, com base em exemplos, três tipos de tradução automática: a TA baseada em regras, a TA estatística baseada em frases e a TA neural.

Encerrando esta edição, três artigos são dedicados à interface entre Estudos da Tradução e acessibilidade, que pode ser considerada como uma das áreas mais recentes e promissoras de pesquisa sobre tradução.

Em **A influência da segmentação linguística na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) em documentários televisivos**, Patrícia Araújo Vieira e Vera Lúcia Santiago Araújo focam a segmentação linguística em legendas de velocidade lenta e rápida para compreender como essas legendas influenciam no processamento da leitura e no conforto da recepção de documentários televisivos por surdos e ensurdecidos.

**A audiodescrição na extensão universitária: formação e prática cidadã**, de Soraya Ferreira Alves e Helena Santiago Vigata, trata da audiodescrição, que constitui a tradução verbal de imagens (quadros, filmes, etc.) para deficientes visuais. No contexto da extensão universitária, as autoras relatam a experiência, realizada pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Acesso Livre (UnB), de audiodescrição da exposição *Frida Kahlo* em 2016, em Brasília.

Por fim, o artigo **Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras)**, de Vinícius Nascimento, Vanessa Regina de Oliveira Martins e Rimar Ramalho Segala, procura compreender o processo tradutório de textos poéticos em português para Libras. Os autores baseiam-se na concepção de transcrição, de Haroldo de Campos, para analisar a tradução para Libras do poema *Deficiência*, de Alexandre Filordi de Carvalho.

Assim, os 23 artigos deste número da revista, escritos por 37 autores, contemplam a multiplicidade característica dos Estudos da Tradução como campo transdisciplinar de estudos. Agradecemos a todos que tornaram possível a publicação deste número, em especial, aos autores e ao diretor da revista *Domínios de Lingu@gem*, Guilherme Fromm. Certos de que os artigos aqui reunidos oferecem uma representação contemporânea dos múltiplos domínios da tradução, convidamos os leitores a explorá-los.

Daniel Padilha Pacheco da Costa\*  
Silvana Maria de Jesus\*\*

## Referências

BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. General editor's preface. In: LEFEVERE, A. (Ed.) **Translation/History/Culture: a sourcebook**. London; New York: Routledge, 1992.

BERMAN, A. **L'âge de la traduction: "La tâche du traducteur"** de Walter Benjamin, un commentaire. Paris: PUV, 2008.

CRONIN, M. A era da tradução: tecnologia, tradução e diferença. In: ROSVITHA, F. B.; PETERLE, P. (Org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Copiart, 2013, p. 193-222.

GENTZLER, E. Translation Studies: Pre-Discipline, Discipline, Interdiscipline, and Post-Discipline. **International Journal of Society, Culture and Language**. Washington, v. 2, n. 2,

---

\* Professor do Curso de Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [dppcost@ufu.br](mailto:dppcost@ufu.br).

\*\* Professora do Curso de Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [silvana.jesus@ufu.br](mailto:silvana.jesus@ufu.br).

p. 13-24, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/silan/Downloads/Gentzler%202017%20TS.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

GUERINI, A.; TORRES, M-H.; COSTA, W. C. (Org.). **Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Tubarão: Copiart, 2013.

HOLMES, J. Name and nature of translation studies. In: \_\_\_\_\_. **Translated!** Papers on literary translation and translation studies. Amsterdam: Rodopi, 1988 [1972].

LEFEVERE, A. Translation: The focus of growth of literary knowledge. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, J. (Ed.). **Literature and translation**. Leuven: Acco, 1978, p. 7-28.

MESCHONNIC, H. Propositions pour une poétique de la traduction. **Langages**. Paris, n. 28, p. 49-54, 1972.

RÓNAI, P. **Escola de Tradutores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. (Os Cadernos de Cultura).

SNELL-HORNBY, M. **The Turns of Translation Studies: New Paradigms or shifting viewpoints**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/btl.66>. Acesso em: 23 nov. 2017.